

PROTAGONISMO JUVENIL INVENTANDO COM A DIFERENÇA

Francinalda Maria Rodrigues da Rocha¹; Silvana de Carvalho Martins ²; Natanael da Silva dos Santos³; Samuel Pires Melo⁴

¹ Universidade Federal do Piauí Campus Ministro Reis Velloso/ E-mail- francinalda.rocha@gmail.com;

² Universidade Federal do Piauí Campus Ministro Reis Velloso/ E-mail- silvana.carvalho453letras@gmail.com

³ Universidade Federal do Piauí Campus Ministro Reis Velloso/ E-mail- naeldsilvas@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Piauí Campus Ministro Reis Velloso/ E-mail- Samuelmelo@ufpi.edu.br

Resumo do artigo: Essa pesquisa é resultante do Projeto de Extensão Cinema e Educação: despontando cidadania para além dos muros da UFPI, realizado pelo curso de Licenciatura em Pedagogia do *campus* Ministro Reis Velloso. No primeiro semestre procurou dialogar de forma mais detida com as escolas do Ensino Médio de Parnaíba e Luís Correia, estado do Piauí, buscando contribuir para o protagonismo juvenil por meio da sétima arte, usando da prerrogativa as oficinas com dispositivos (jogos ou exercícios com o cinema). Nelas, os docentes que se tornaram multiplicadores com os discentes das escolas em que trabalhavam. A metodologia foi qualitativa, com caráter de intervenção com os monitores que executaram a oficinas, após serem capacitados pelo coordenador, a partir do material didático do projeto Inventar com a Diferença, da Universidade Federal Fluminense. Com a execução das oficinas, foi proporcionado aos monitores realizar práticas com o cinema que perpassaram a formação inicial. A experiência possibilitou uma afinidade desses jovens com o audiovisual a partir do enquadramento da sua realidade, por meio do direcionamento desse olhar, pois passaram a desenvolver o protagonismo juvenil a partir da linguagem da sétima arte. Portanto, a incorporação do cinema na educação superior representa, nesse contexto, como início de um processo que oportunize a participação de jovens e adultos na reflexão crítica da realidade, trabalhando a essência da interação entre humano e cinema e as relações entre saber e poder manifestadas na vida coletiva. E que é possível aproximar cada vez mais a juventude da experiência propiciada pelo cinema, pela interação pedagógica, discursos, linguagens criativas. Espera-se que esse estudo possa instigar novas pesquisas que promova maior empoderamento juvenil dentro de uma educação transformadora e emancipatória.

Palavras-chave: Cinema, educação, pesquisa, jovens.

INTRODUÇÃO

O cinema aproxima a nossa realidade a partir do que se vivifica no outro, onde se pode ter e compartilhar um conhecimento de maneira singular e intensa. Assim, com essa experiência será possível partilhar as possibilidades de como grupos de jovens estabelecem a relação do ambiente em que vive ou que está interagindo com as dimensões que são prioritárias para elas, de maneira a direcionar pistas para o trabalho formal e não formal com os jovens na área da Sétima Arte, pois poderá entender como estão vendo ou passando a ver o mundo.

As universidades com curso de graduação, no seu processo de formação inicial em diferentes cursos, por meio de ações de extensão, têm se preocupado em estar mais próximo das pessoas fora da universidade, provocando um processo difusão de conhecimentos que possam legitimar o exercício de um olhar crítico em

relação aos conhecimentos produzidos e a realidade em si. Nesse caso, buscamos perceber como os conteúdos midiáticos podem ser a ponte que sensibiliza as pessoas para os direitos humanos.

Os direitos humanos, nessa pesquisa entram no contexto de refletir sobre a desigualdade presente nos espaços coletivos, que muitas vezes se utilizam de modelos democráticos ou regime centralizador.

Assim, o Projeto de Extensão Cinema e Educação: despontando cidadania para além dos muros da UFPI, realizado pelo curso de Licenciatura em Pedagogia do *campus* Ministro Reis Velloso, surgiu da inquietação de estudantes e professores de estabelecer uma relação de proximidade entre universidade, comunidades e cursos existentes na UFPI, buscando uma ampla reflexão sobre diversos temas que incomodam à juventude pela lente da sétima arte.

Para isso, foi realizada a parceria com o projeto “Inventar com a Diferença” que busca trabalhar com instituições educacionais do território nacional sobre o cinema e direitos humanos, direcionado pelas possibilidades do cinema como experiência sensível. Essa parceria se deu com a capacitação e a disponibilidade do material de apoio, por meio de um livro impresso em que se propõe uma metodologia aberta, para que se invente com o material.

Bergala (2008) reafirma essa proposta enfatizando que o cinema estimula compartilhar experiências, possibilitando a alteridade. Assim, o direcionamento da pesquisa passa a pensar a experiência dos sujeitos (monitores) com a sétima arte, proporcionando um encontro consigo, com o outro e com a realidade.

Nesse sentido, concordamos com Freire (1996), ao afirmar que o papel da educação se dá para proporcionar a mudança nas pessoas e estas transformarem o mundo. O que culmina com o estudo com a juventude que tem assumido relevância por sua presença em diferentes espaços e no seu papel transformar deles (DAYRELL, 2003).

Dentro desse contexto, a pesquisa teve como objetivo compreender como se deu a integração entre o Cinema e a Educação, mediante a realização das oficinas com os discentes de graduação no Projeto de extensão “Cinema e Educação”. Como específicos: descrever as atividades realizadas com o cinema dentro das oficinas, no projeto; e apresentar as inter-relações sociais dos jovens monitores que contribuíram para o seu aprendizado com o cinema.

Nessa direção, o estudo compreende a análise dos resultados por parte dos monitores das oficinas com professores para construção da produção audiovisual com a resignificação do seu olhar e assim do reconhecimento do cinema não simplesmente como conteúdo curricular ou de entretenimento da indústria cultural.

METODOLOGIA

A investigação buscou analisar como os monitores estabeleceram relação com o cinema e que tipo de narrativas produziram, a partir da participação em diferentes oficinas realizadas pelo projeto. Para isso, se utilizou da metodologia qualitativa, pela pesquisa-intervenção, a partir do relato de experiência dos monitores da oficinas de como seria na prática, o uso do cinema no cotidiano escolar.

A experiência das oficinas com o uso dos dispositivos se desenvolvia em dois momentos (atividades com professores na universidade e multiplicação do aprendizado na escola deles que era compartilhado no início de cada oficina). Segundo Migliorin et al (2016, p.10) “dispositivos são exercícios, jogos, desafios com o cinema, um conjunto de regras para que o estudante possa lidar com os aspectos básicos do cinema e, ao mesmo tempo, se colocar, inventar com ele, descobrir sua escola, seu quarteirão, contar suas histórias”.

Os exercícios fazem parte do Caderno do Inventar: cinema, educação e direitos humanos que colaborou com metodologias e processos que foram disponibilizados, a fim de fazer uma relação entre os saberes da escola, colaborativo, com a possibilidade de criação coletiva.

Os dispositivos escolhidos para trabalhar com os professores foram os que tinham como direcionamento mais viável à realidade deles e que mais pudessem contribuir para entrosamento, aliado ao uso do Cinema, Educação e Direitos humanos.

Nas oficinas foram trabalhados 14 dispositivos onde uma dupla ou trio de monitores explicavam como proceder na execução e a sua importância, os quais foram: A imagem – olhar e inventar; Moldura; Máscaras e monstruosidades; Minuto Lumière; os sons; Música e memória; La longe, Aqui perto; História dos objetos; Espelhos de autorretrato; Fotografias narradas; Trilha dos sentidos; Volta ao quarteirão; Espaços vazios; e Filme carta.

A oficina com a Imagem - Olhar e Inventar fez um direcionamento para o foco na imagem. Com essa atividade buscou-se desnaturalizar o modo como recebe as imagens e aproximar das escolhas criativas. Para realização da atividade foi entregue molduras em papel e solicitado que os participantes saíssem nas proximidades para enquadrar imagens do cotidiano. Para realização da oficina moldura, fizeram visitas para filmar até dois minutos através de portas, janelas e/ou molduras de papel. O dispositivo visou inserir o participante numa situação que pudesse refletir o que se encontra dentro ou fora da moldura.

A Máscara e monstruosidade se deram a partir de elementos que poderiam ser colocados sobre a lente alterando a imagem, criando diferentes perspectivas e monstruosidades a partir de filmagens de situações, ambientes, pessoas, objetos. O Minuto Lumière consiste em três gestos fundamentais: a escolha, a disposição e o ataque. Para sua produção a câmera ficou fixada, gravou-se sem som, depois todos os minutos foram assistidos pelos participantes.

Os sons, segundo Migliroin et al (2016, p.54), é “O exercício que visa intensificar a escuta e a percepção de que as formas dos sons são constituintes do mundo em que vivemos. Além disso, permite também um trabalho sobre a construção sonora no cinema, muito distinta daquela do ouvido”. Foi solicitada a gravação de até dois sons. Depois compartilhado no grupo a fim de identificar quais seriam os sons e o que se mudaria a partir do que foi ouvido. Na Música e Memória fez refletir as músicas ouvidas por diferentes gerações de modo a pensar a relação entre música, memória e território. Para isso, abordaram três pessoas de diferentes gerações: crianças, adultos, idosos, onde cantaram trecho da música que se recordava e gravar.

La longe, aqui perto fez refletir a maneira como se aproximar das pessoas que não se conhece a partir do cinema. Procurar alguém com que nunca se falou e depois conversar com as pessoas para explicar a participação no dispositivo, filmá-la em três diferentes planos (muito longe, mais próximo e muito perto). Na História dos objetos a proposta foi de filmar uma pessoa e a relação afetiva com que estabelece com algum objeto no tempo de um a três minutos. Separadamente, filmar o objeto que crie relação com a narração.

Espelho de autorretrato. O dispositivo se propôs usar o espelho para refletir sobre os intervalos entre quem filma e quem é filmado. Para isso, foi necessário que fosse escrito um texto com duração de até dois minutos sobre a relação com o que há de mais distante. Fotografia narrada buscou a história das pessoas de modo a criar a memória dos participantes retratada a partir do que as pessoas fazem de si mesmas, e se perguntar o que está por trás de uma imagem, que tipo de histórias as pessoas querem contar. Com a fotografia em mãos passaram a descrever o que se encontrava na foto.

Trilha dos sentidos foi estimulada a atenção no corpo e em todos os sentidos, oferecendo novas experimentações com o espaço e o tempo. A trilha foi construída no espaço aberto da UFPI, onde os participantes foram guiados de olhos vendados e descalços, de modo a entrar em contato com diferentes sensações que normalmente fazem parte do seu dia a dia e não recebem tamanha atenção. Depois cada um descreveu as sensações vivenciadas na trilha.

A Volta ao quarteirão se deu para documentar e refletir o que há no espaço onde se vive para além da percepção imediata do dia a dia e redescobri-lo a partir das pessoas que transitam em seu entorno por meio de fotografias. A partir dos Espaços Vazios foram levados a documentar as formas como constroem seus espaços, observando como as crenças, hábitos e valores se expressam através dos objetos. Esses espaços foram ambientes que nos cercam, a partir das fotografias estimularam-se debates das narrativas ficcionais produzidas.

Para que as oficinas fossem eficientes dentro da relação cinema e educação verificou-se a necessidade de uma ação interdisciplinar com a articulação dos interesses comum, de forma a atingir os objetivos como elemento que pode integrar, na prática pedagógica do professor de diversas possibilidades de diálogo.

Nesse sentido, Libâneo (1994), ressalta que o processo de ensino se caracteriza pela combinação de atividades entre docentes e discentes de modo que todos possam atingir progressivamente o desenvolvimento de suas capacidades mentais, oferecidas a partir dos dispositivos.

Assim, com a realização das oficinas verificou que pode ser uma experiência única de acesso à socialização de múltiplos saberes, onde no entendimento de Libâneo (2005), a função dos profissionais da educação seria de direcionar pelo agir pedagógico, por meio de pesquisas, no ato educativo, que é multifacetado, intrincado e relacional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência de realização de oficinas com professores ocorreu durante os meses de março a junho de 2017, cujo tema foi “Cinema e Educação - compartilhando direitos humanos e cidadania pelas práticas e saberes do audiovisual”. A participação inicialmente foi de 13 escolas públicas, com 50 professores, finalizando as oficinas, com oito escolas e 13 docentes. O objetivo foi de oferecer formação e acompanhamento aos educadores das escolas públicas do litoral piauiense para trabalhar com audiovisual, como multiplicadores (professores), através da aplicação dos dispositivos nas escolas.

Em cada oficina foram aplicados dispositivos com os professores para que tivessem interação com a sua prática pedagógica. No prazo de 15 dias, passavam a realizar a mesma ação com seus alunos, e depois levavam ao próximo encontro suas experiências das escolas. Assim foi possível entender os elementos dos Direitos humanos que se destacaram em cada escola com a apresentação dos resultados durante as oficinas realizadas.

O público direto envolvido foram cerca de 1.500 discentes e 25 docentes, 15

colaboradores e nove da equipe técnica que passaram a perceber a sua realidade uma experiência sensível com o mundo por meio da imagem em movimento.

A perspectiva de um trabalho dessa natureza trouxe para os monitores não só a possibilidade de iniciar um trabalho com o audiovisual, mas também de aplicar os Direitos humanos na realidade do cotidiano escolar e social. Como diz uma professora:

Acho que é interagir com o diferente. E a partir dessa realidade do diferente, cada professor pode trazer pra sua realidade. Sobre o meio ambiente, as vezes jogam um papel ali e nem sentem. O nosso meio ambiente, nosso planeta vai sofrendo. Nós não devemos ser professores conteudistas. Mas, todos os dispositivos dão pra trabalhar nossas disciplinas. O dispositivo faz o processo de conscientização. Temos nosso conteúdo didático, mas temos que ser cidadãos (COMUNICAÇÃO ORAL PROFESSORA).

De um lado, para os monitores viram como um desafio trabalhar com uma proposta tão nova, no que diz respeito aos dispositivos e também com a quantidade de escolas, articuladas para as oficinas e o acompanhamento. Por outro lado, é uma proposta emergente nas escolas de Ensino Básico, devido às crises existentes no público infanto-juvenil que necessita urgentemente estar inserido em seu currículo.

Como destacou uma professora de uma escola sobre os monitores que realizavam as atividades. “O positivo da ação é a eficiência da equipe técnica, os monitores tem segurança ao realizar as oficinas e estão sempre motivados e motivando quem está participando, nem parecem estudantes, mas profissionais da educação, nossos parceiros”.

No encontro com os professores percebemos a garra em aprender coisas novas, mas há um distanciamento para aplicar. Primeiro pela sobrecarga de trabalho, e segundo, como salientou alguns professores pela falta de apoio da gestão, impedia a realização do trabalho na escola, interligado a um desestímulo geral, com a crise vivida atualmente em todos os setores da sociedade. Como destaca Cunha (1989, p. 22) às relações estabelecidas entre escola e universidade, necessitam ser “cada vez mais, desvendada para que se possa compreender e interferir na prática pedagógica”.

Durante a avaliação, os professores afirmaram o quanto às oficinas foram importantes e necessárias em sua sala, mas reconhecem que sem esse acompanhamento da universidade não darão conta sozinhos. Dizem que precisam revisitar o que produziram com seus alunos para aprofundamento nas discussões. Para isso, os monitores realizavam acompanhamentos que muitas vezes não acontecia pela dificuldade de horários e o currículo extenso dos professores.

Nas produções das escolas foi visível perceber que o repasse dado pelos monitores

possibilitou com que cada pessoa pudesse inventar com a diferença, e, principalmente, instigar um novo jeito de ser dos docentes e discentes. Essa ideia pode ser ilustrada com o depoimento do professor de uma das escolas:

Na visita a Lagoa Grande, ponto histórico de Luís Correia, apesar de não ser valorizado estávamos fazendo fotografias, gravando vídeos e no momento um menino jogou uma pedra na água, ela estava naquela calma, o outro fotografou no momento exato da pedra entrando na água e ali, aquela água subindo deu a impressão de uma imagem e até hoje eles relatam que é a imagem de diversos santos, é Bom Jesus dos navegantes, é Maria [...] (COMUNICAÇÃO ORAL DA PROFESSORA).

Para os monitores muitas experiências com os dispositivos passaram a direcionar uma reflexão sobre os direitos humanos, a partir do que foram estimulados durante as oficinas. Ao verem a experiência vivenciada pelos professores, por exemplo, na produção do dispositivo - Espelho de autorretrato estimulou uma reflexão sobre uma temática que se estava vivendo na realidade brasileira, a experiência com liberdade que passa, de certa forma, a interferir no mundo. A forma como os discentes apresentaram sua realidade destacou a violência social, na qual os jovens estão vivendo. Pode ser ilustrado com o depoimento do professor:

Sobre aquele vídeo sobre violência, o caso da baleia azul... o garoto que fez é muito tímido. Ninguém acreditava que ele iria fazer. Como é na zona rural, a internet é muito difícil, mas a mãe dele ajudou. Eles foram na *lanhouse*, fizeram tudo lá. [...]. Ele associou aquela parte do suicídio com o projeto de alguém fazendo terrorismo, fazendo as pessoas se matarem, como as baleias se matam... (COMUNICAÇÃO ORAL DO PROFESSOR).

Dentro dessa perspectiva da relação do cinema com a educação, para os monitores foi possível perceber pelos diálogos ocorridos durante as oficinas que o uso dos dispositivos promoveu a “propagação da visão individual e coletiva do mundo”, “o improviso fazendo parte da execução das atividades”, e o “desenvolvimento do lado crítico dos alunos”. E ainda os benefícios para a comunidade escolar, se deu com “o uso dos dispositivos como instrumentos de educação”, “produção de filme”, e “despertar dos sentidos e da união”.

Com a relação aos dispositivos, na visão dos monitores, o trabalho com os direitos humanos se deu a partir dos seguintes temas: “Lixo, segurança e insegurança, Cidadania e valorização do trabalho dos funcionários, e também com a valorização do ser humano”; “a reflexão sobre preconceito e racismo, questão de cor, peso e residir na zona rural”.

Na apresentação dos dispositivos, com os resultados que vieram das escolas, segundo os monitores, os filmes se tornavam uma forma de denúncia, como da necessidade de reforma nas escolas, o maltrato com as questões ambientais, exemplificada por uma lagoa que fica

próxima à escola, a ausência da família junto aos estudantes. Assim, mediante ao que foi sugerido pelos dispositivos, surgiram temas sem que fossem propostos, pois estavam despercebidos ou calados, o qual passaram a ter vida, com o treino do olhar.

Com isso, os monitores perceberam que foi possível estabelecer uma ligação entre a universidade e a comunidade, fortalecendo proximidade e contato com diferentes instituições de ensino, fazendo prevalecer à dimensão cidadã dentro do que foi produzido pelos professores de maneira a contribuir e direcionar estratégias no uso com o audiovisual em todas as áreas do conhecimento.

Por outro lado, os monitores avaliaram que faltam ações contínuas e reflexivas com os discentes para compartilhar saberes, pois pelo que foi apresentado pelos professores, o desenvolvimento da ação apresentada nas oficinas pelos multiplicadores não foi realizada com eficiência visto que somente era explicado a proposta do dispositivo para os discentes, mas depois não se refletia sobre o que era produzido faltando a discussão a partir dos resultados deles relacionado com os direitos humanos.

CONCLUSÕES

A intervenção do projeto “Inventar com a Diferença”, por meio do material de apoio pedagógico, trouxe elementos para repensar as práticas pedagógicas e os pontos que se afirmam na inter-relação do cinema e a educação, experienciadas pelos monitores nas oficinas realizadas com os professores e nas escolas do ensino básico que proporcionou uma dialética de aprender e desaprender.

Como conclusão do aprendizado os monitores elaboraram um filme carta que descreveram que no início da realização das oficinas se sentiram desafiados em mobilizar para atingir o maior número possível de escolas públicas. Que causou surpresa pela resposta ao convite pela receptividade de 50 professores, de 13 escolas todos com olhar de curiosidade do que poderiam encontrar no decorrer das oficinas com as pessoas participantes e o que poderiam levar as escolas. A cada oficina aconteciam alianças e sinergias com a produção artísticas relacionado com o cinema e educação mostrando a revelação do aprendizado em cada olhar de ver o mundo ao seu redor.

Embora com os imprevistos de reuniões de pais mestres nas escolas, feriados, festas dos dias das mães tudo isso foram dificuldades enfrentadas para participação dos professores, mas os monitores não desanimaram, pois os que iam participavam com garra em busca de compartilhar saberes entre si e com os monitores que estavam em processo inicial de

formação, formando pares para refletir sobre suas realidades.

No retorno dos trabalhos produzidos ficava a curiosidade de ver o que os outros fizeram e também para compartilhar o que realizaram. O que se destacou na visão dos monitores das produções foi a apresentação por meio de um dos dispositivos de uma garota mostrando sua realidade na zona rural, a natureza que encantava e pedia socorro presente em um dos municípios.

Ao longo do caminho, os monitores se depararam com inúmeras situações e tiveram que se aproximar de cada dispositivo tomando uma intimidade com o audiovisual e com os professores de diferentes idades auxiliando-os ao manusear computador e a entender de novos programas que propiciou mais credibilidade para a equipe do cineeducação da UFPI. O sucesso da experiência foi porque professores e monitores passaram a inventar com a diferença.

Essas reflexões apontam que ainda há muito por fazer, de forma que precisam acontecer mais ações efetivas e sistemáticas que venham a propiciar a visão do outro dentro e fora da escola com alteridade, que impulse ainda mais articulação entre a relação da arte com a vida, do cinema com a educação e da educação com os direitos humanos.

Referências Bibliográficas

BERGALA, A. **A Hipótese-Cinema**: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink e CINEAD/UFRJ, 2008.

CUNHA, M. I. da. **O bom professor e sua prática**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 5/6, n.24, p. 40-52, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, J. C. As teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo da educação. In: _____; SANTOS, Akiko (Orgs.). **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. Campinas-SP: Alínea, 2005.

_____. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MIGLIORIN, C. [et al]. **Cadernos do inventar**: cinema, educação e direitos humanos. Niterói (RJ): EDG, 2016.